

Enid Blyton

Claudina no Colégio de Santa Clara



<http://groups.google.com/group/digitalsource>



Título: Gémeas

- Volume V:

CLAUDINA NO COLÉGIO DE SANTA CLARA.

Autora: Enid Blyton.

Dados da Edição: Editorial Notícias, Lisboa, 1978.

Título original: CLAUDINE AT ST. CLARE'S.

Tradução de MARIA ANTÓNIA CORREIA LEAL

Género: Juvenil.

by Methuen and C<sup>a</sup>, Ltd. 1965

Reservados todos os direitos para Portugal

Esta obra foi digitalizada sem fins comerciais e destinada unicamente à leitura de pessoas portadoras de deficiência visual. Por força da lei de direitos de autor, este ficheiro não pode ser distribuído para outros fins, no todo ou em parte, ainda que gratuitamente.

---

<sup>1</sup> Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.  
Se quiser outros títulos nos procure [http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros), será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

## I

### Novo regresso ao Colégio

Patrícia e Isabel O'Sullivan entraram na sala do quarto ano no Colégio de Santa Clara, e olharam para todos os lados.

- Quarto ano - disse Patrícia. - Meu Deus, como estamos adiantadas, Isabel!

- É verdade. O quarto ano parece muito distante do primeiro - concordou Isabel. - Lembras-te, quando estávamos no primeiro ano, há sete séculos? Chamavam-nos as Gémeas Emproadas nessa altura, porque detestávamos o Colégio de Santa Clara, e não queríamos cá estar.

As gémeas recordaram o seu tempo de caloiras, a sua instalação no Colégio de Santa Clara, e como a aversão que a princípio sentiam se transformara em orgulho e admiração. E agora ali estavam, já no quarto ano, no começo do ano lectivo!

- Não achas que as caloiras parecem agora bebés - disse Patrícia. - Quando para aqui viemos, pela primeira vez, achávamo-nos muito crescidas, mas ao ver agora as caloiras parecem-me umas miúdas! Eu vou gostar muito de estar no quarto ano, e tu Isabel?

- Eu também - disse Isabel. - Espero ficar aqui até ao último ano, e que as nossas amigas fiquem também.

- Bem, algumas já saíram - disse Patrícia. - A Pamela não volta, nem a Sheila. A Lúcia Oriell também se foi embora para uma Escola de Belas-Artes. Ela tencionava ficar aqui, mas é muito artista e conseguiu uma bolsa de estudo para a melhor Escola de Belas-Artes do país.

- Foi óptimo para a Lúcia! - disse Isabel. - Vamos ter saudades dela. Haverá algumas alunas novas este ano?

- Há com certeza - disse Patrícia, olhando à roda da grande sala. - É uma rica sala, não achas? É a mais bonita de todas as que temos tido até agora. Desfruta-se uma linda vista da janela.

E assim era. As gémeas viam quilómetros duma paisagem encantadora. Era uma paisagem já muito sua conhecida, e que ambas adoravam. Ao fundo, nos terrenos do colégio, havia os campos de ténis e de outros jogos, e uma grande piscina. Também viam os jardins do colégio, e a grande horta cheia de frescos vegetais.

- Eu fico ao pé da janela - disse Patrícia. - Olá, lá vem a Roberta e a Joana!

A Roberta e a Joana entraram na sala a rir. A cara sardenta da Roberta tinha um ar arrapazado, e as suas maneiras eram arrapazadas também. Era muito brincalhona e gostava muito de fazer partidas.

- Olé! - disse ela. - Vieram ver a nossa nova sala? É bonita, não é?

- Como é a nossa nova professora? - perguntou Patrícia. - A miss Ellis... dizem que é muito simpática, será?

- É muito calma, delicada e digna. É uma professora como deve ser - disse Roberta.

- Tens algumas partidas novas para pregar, Joana - perguntou Isabel.

Todos os períodos a Joana tinha uma quantidade de partidas, a maior parte das quais eram fornecidas pelo irmão, que também andava no colégio e devia ser muito travesso. A Joana riu-se.

- Esperem e verão - disse ela. - De qualquer modo, agora que estou no quarto ano, tenho que me portar com juízo. Quando se está nos últimos anos da escola não se pode fazer tanta brincadeira. E também tenho que trabalhar para o meu exame, por isso não vou ter muito tempo para partidas.

- Mesmo assim, desconfio que vais ter... - disse Patrícia. - Sabes se há algumas alunas novas?

- Há duas ou três - respondeu Roberta. - Olá, Lida! Boas férias?

A Lida Wentworth entrou na sala, morena e sorridente.

Estava no Colégio de Santa Clara há mais tempo do que as gémeas.

- Olá! - disse ela. - Tive umas férias esplêndidas. Montei a cavalo todos os dias, e joguei ténis todos os dias também. Olhem lá, quem é o anjo?

- O que é isso? - perguntaram as gémeas à Roberta.

- Ah, vocês ainda a não viram? - disse a Lida. - Acaba de chegar, completa, com uma mala nova toda moderna, três raquetas de ténis, e uma carteira com as suas iniciais em ouro! Até aposto que a vossa prima Adelina a considera uma das sete maravilhas do mundo! Tem o cabelo dum louro claro, cortado como

geralmente se vê nos anjos das gravuras, um rosto oval como o das fadas, e uma voz de princesa.

- Safa! Onde está ela? exclamaram as outras muito interessadas. - Será do nosso ano?

- Está lá em baixo no vestíbulo - disse a Lida. - Chegou no maior carro que eu já vi nos dias da minha vida, com dois motoristas!

- Vamos vê-la - disse Patrícia. E lá foram as cinco para o corredor, debruçaram-se no balaústre das escadas para ver a recém-chegada.

Ainda lá estava, e era absolutamente verdade. Parecia mesmo um anjo, se se pode imaginar um anjo de uniforme, com três lindas raquetas de ténis na mão!

- É encantadora, não é? - disse Roberta que, não sendo nada bonita, apreciava sempre a beleza das outras.

- Sim, também aposto que a Adelina vai andar atrás dela como um cãozinho. A Adelina só se sente feliz na presença duma beleza tão extraordinária que se não pode descrever!

A Adelina subia naquele momento. Era prima das gémeas. Uma bonita rapariga, mas frívola e de cabeça oca.

- Olá! - disse ela. - Estavam a falar de mim?

- Estávamos! - concordou a Lida. - Estávamos a dizer que com certeza gostavas daquela rapariga tipo anjo que lá está em baixo. Já viste alguma coisa assim?

A Adelina debruçou-se no balaústre, e, de acordo com o prognóstico das outras, ficou imediatamente de cabeça perdida.

- Parece uma princesa dum. conto de fadas! - disse ela. - vou ter com ela e perguntar-lhe se quer que a acompanhe.

Foi a correr para baixo. As companheiras riram-se umas para as outras.

- A Adelina já perdeu a cabeça - comentou Patrícia.

- Pobre Adelina! A quantidade de amigas formidáveis que tem arranjado e perdido! Lembram-se da Sara, a rapariga americana, e dela estar sempre a dizer "A Sara diz...", e de termos feito uma cantiga por causa disso, e de a cantarmos? Como ela se zangava!

- Lembro-me perfeitamente. E quando estava no segundo ano, que achava a nossa ensaiadora um assombro, e quando estava no terceiro perdia a cabeça com a chefe de turma, a ponto de se tornar maçadora - disse Joana. - Realmente,

as vezes que a Adelina tem perdido a cabeça por pessoas que nunca lhe ligam meia!

- É muito frívola - disse Patrícia. - Olhem para ela a pegar no braço do anjo, já toda em cima dela!

- Há outra aluna nova lá em baixo - disse Roberta.

- Tem o ar de quem se sente abandonada. Acho que a Adelina devia levá-la também. Hee! Adelina!

Mas Adelina havia desaparecido com o anjo dourado. As gémeas desceram as escadas e dirigiram-se à outra aluna nova.

- Olá! Estás cá de novo, não estás? É melhor ires cumprimentar a Vigilante. Nós levamos-te lá.

- Como te chamas - perguntou Patrícia, olhando para a recém-chegada, que procurava mostrar que não se sentia nova nem perdida.

- Chamo-me Paulina Bingham-Jones - disse a nova aluna, numa voz um tanto afectada. - Sim, gostaria que me dissessem o que devo fazer.

- Geralmente a Vigilante está aqui a receber as novas alunas - disse a Lida um pouco intrigada. - Onde estará ela?

- Também ainda a não vi - disse Patrícia. - Também aqui não estava quando nós chegámos.

- É estranho - comentou a Isabel. - Vamos à procura dela. Assim como assim, temos que a cumprimentar.

Foram todas à procura da Vigilante e levaram Paulina. Bateram à porta. Todas as alunas gostavam da Vigilante apesar de a temerem bastante. Havia muitos anos que estava no Colégio de Santa Clara, e algumas das mães das alunas, que também ali tinham estado no colégio, a tinham conhecido também.

Uma voz respondeu:

- Entrem!

- Não é a voz da Vigilante - disse Patrícia, muito admirada. Abriu a porta e entrou, seguida pelas outras.

Uma senhora, com o uniforme da Vigilante, cosia junto da janela. Não era a Vigilante que elas conheciam tão bem. As raparigas olharam para ela, surpreendidas.

- Ah! - exclamou Patrícia - vínhamos à procura da Vigilante.

- Neste período sou eu a Vigilante - esclareceu ela.

- A vossa antiga Vigilante adoeceu durante as férias, e por isso vim substituí-la. Tenho a certeza de que nos vamos dar muito bem.

As raparigas ficaram a olhar para ela. Não estavam muito seguras disso. A antiga Vigilante era gorda e alegre, com uma cara redonda que inspirava confiança. Esta Vigilante era magra e tinha um ar azedo. Os lábios eram muito delgados e com a boca fechada pareciam uma linha recta. Sorria às alunas, mas o seu sorriso não ia além da boca, nunca chegava aos olhos.

- Viemos à sua procura - disse Roberta. - A antiga Vigilante costumava ir esperar as alunas novas. Esta é uma delas. Vem trazer-lhe a lista das suas roupas, toalhas, etc.

- Bem sei, obrigada - disse a Vigilante, cortando com os dentes a linha com que estava a coser. - Mandem-me todas as alunas novas, sim? Quantas chegaram?

As raparigas não sabiam. Achavam que a Vigilante é que devia sabê-lo e não elas. Lembraram-se da antiga Vigilante, que andava dum lado para o outro à procura das alunas novas para lhes dar as boas-vindas, apresentá-las às respectivas professoras, ou arranjar antigas alunas que olhassem por elas.

- Esta é Paulina Bingham-Jones - disse Patrícia por fim. - Há outra aluna nova algures, que nós já vimos. Parece que a nossa prima Adelina anda com ela.

As raparigas abandonaram a sala, deixando a Paulina com a nova Vigilante. Olharam umas para as outras e torceram o nariz.

- Não gosto dela - comentou Isabel. - Parece uma garrafa de vinagre!

As outras riram-se.

- Deus queira que a antiga Vigilante volte - disse Roberta. - O Colégio de Santa Clara não parece o mesmo sem ela. Gostava de saber para onde é que a Adelina levou o "anjo".

Adelina apareceu naquele momento, muito corada e radiante. Era mais que evidente que arranjara uma amiga. Vinha acompanhada do "anjo".

- Oh! - disse Adelina. - Patrícia, Isabel, Roberta, Lida... esta é a fidalga Ângela Favorleigh.

A fidalga Ângela baixou ligeiramente a cabeça, como se estivesse a cumprimentar os seus súbditos. Roberta riu-se.

- Tive em tempos uma boneca que se chamava Ângela - disse ela. - Era parecida contigo! Espero que gostes do Colégio de Santa Clara. Adelina, leva-a à Vigilante.

- Onde está a Vigilante? - perguntou Adelina

- Tenho andado à procura dela.

- Neste período há uma Vigilante nova - disse Roberta. - Não vais gostar dela.

A fidalga Ângela Favorleigh não gostou de Roberta. Olhou para ela como se fosse qualquer coisa que lhe não cheirasse bem. Voltou-se para a Adelina e disse numa voz bonita e altiva:

- Bem, vamos à Vigilante. Quero tirar as minhas coisas da mala.

Saíram juntas. A Lida desatou a rir.

- Todas nós sabemos onde a Adelina vai passar a maior parte do tempo... - disse ela. - No bolso da fidalga!

- Olhem - disse Roberta -, há outra aluna nova. Já desemalou também as coisas dela. Acho que tem cara de ser do quarto ano.

A nova aluna subiu, com passos rápidos, como se se dirigisse para algum sítio.

- Olá! - disse Roberta. - Tu és nova aqui, não és? Em que ano ficas, sabes?

- No quarto - respondeu a rapariga. - Chamo-me Helena Paterson.

- Nós também somos do quarto ano - disse Patrícia, apresentando-se a si e às outras. - Queres que te levemos a dar uma volta pelo colégio? A Vigilante costuma estar aqui para receber as alunas, mas este período há uma Vigilante nova que ainda não está dentro dos hábitos.

De repente, a rapariga mostrou-se aborrecida.

- Sei muito bem o meu caminho, obrigada - disse, muito empertigada. - Já aqui estou há uma semana.

Foi-se embora sem dizer mais nada. As outras ficaram a olhar para ela.

- Que bicho lhe teria mordido - disse Roberta. Não precisava de ser malcriada daquela maneira. E diz que está aqui há uma semana... o que é que isto quer dizer? Ninguém volta para o colégio antes do dia da abertura.

Marília subiu com a sua amiga Glória.

- Olá! Olá! - disseram as outras. - Ainda bem que voltamos a ver-nos. Já falaram com aquela rapariga que saiu agora mesmo daqui, uma aluna nova chamada Helena Paterson? Parece julgar que o colégio lhe pertence!

- Não, ainda não lhe falei - disse Marília. - Mas sei que a mãe dela é a nova Vigilante. A antiga está doente, não sei se sabem. Helena é a filha da nova



Vigilante e vai ser educada aqui. Veio com a mãe há uma semana, quando a mãe veio tomar conta do seu cargo, tratar das roupas e do resto.

Roberta assobiou.

- Oh, não admira que tenha ficado aborrecida ao ouvir-nos dizer que a nova Vigilante devia dar as boas-vindas às novas alunas, e que ainda não está dentro dos hábitos! - disse ela. - E não admira que conheça os cantos à casa, visto que já cá está há uma semana. Não gostei lá muito dela.

- Por enquanto nada se pode dizer - comentou a Lida. - Sabes muito bem que quando se chega a qualquer parte pela primeira vez e encontramos raparigas que já lá estão há muito tempo, toda a gente se põe na defensiva. A princípio sentimo-nos como que umas intrusas.

Havia alunas novas nos anos inferiores, mas isso não interessava grandemente às alunas do quarto. Estavam satisfeitas por se voltarem a ver: as gémeas, Roberta, Lida, Catarina, Dora, Carlota, e as outras. Iam todas juntas para o quarto ano. Havia algumas do ano anterior que continuavam no quarto ano, a maior parte das quais era muito estimada pelas gémeas. Susana Howes era a chefe de turma, uma rapariga simpática e boa, com um elevado sentido de responsabilidade e de justiça.

O quarto ano ficava sob a direcção de miss Ellis. Era uma pessoa calma e firme, raras vezes elevava a voz, queria bom trabalho e procurava consegui-lo. Interessava-se pelas alunas, gostava muito delas, e estas, em compensação, estimavam-na muitíssimo.

Ângela Favorleigh, quando estava na aula, com os cabelos caídos sobre os ombros, ligeiramente voltados para dentro nas pontas, parecia mais um anjo do que nunca. Todas as suas roupas escolares, embora cortadas nos mesmos moldes das outras, eram na verdade lindas.

- Sabem uma coisa? Os sapatos dela são todos feitos por medida - disse Adelina ao ouvido das gémeas. - E tem uma carteira a condizer com cada vestido, todas com as suas iniciais em ouro.

- Cala-te! - disse Patrícia. - Quem é que se importa com essas coisas? A tua querida Ângela é uma snob.

- E por que não há-de ser snob - respondeu a Adelina, sempre pronta a defender a sua nova amiga. - A família dela é uma das mais antigas do país, tem uma prima em terceiro grau que é princesa, e só Deus sabe quantos parentes titulares ela terá!

- E tu és outra snob, Adelina - disse Isabel, com desdém. - Por que andas sempre atrelada a pessoas desta natureza? Não sabes que a pessoa vale pelo que é e não pelo que tem?

- Eu não sou snob - ripostou Adelina. - Claro que estou satisfeita por a Ângela me ter escolhido para sua amiga. Acho-a encantadora.

- Só é pena que não tenha mais miolo... - disse Roberta. - Sinceramente, dá-me a impressão de que não tem as medidas bem aferidas!

Ângela Favorleigh era na verdade uma snob. Tinha um grande orgulho na sua família, na sua riqueza, nos seus carros, e no seu ar de menina bem. Era muito esquisita com as amigas. Gostava da Adelina porque era bonita e delicada, tinha bonitas maneiras e era evidente que a adorava de todo o seu coração.

Ângela gostava de muito poucas raparigas do seu ano. Detestava a Roberta porque lhe dissera que parecia uma boneca. com a Carlota não queria mesmo nada.

Carlota não se ralava nem um bocadinho. A rapariga de olhos e cabelos escuros tinha sido em tempos uma rapariguinha de circo, do que nada se envergonhava. A mãe fora amazona de circo, mas o pai era um verdadeiro senhor, e a Carlota vivia agora com o pai e com a avó, quando estava em férias, porque a mãe tinha morrido. Tinha aprendido a ser uma senhora, a ter boas maneiras, e era muito estimada, mas não havia esquecido os dias emocionantes do circo, e muitas vezes divertia as outras andando à roda da casa a dar cambalhotas como se fosse a roda dum carro, ou dançando à espanhola, o que muito divertia as companheiras.

Adelina tinha contado à Ângela a história de todas as raparigas, incluindo a da Carlota, e a Ângela torcera o seu delicado nariz ao saber que a Carlota tinha realmente andado a cavalo num circo.

- Como podem tê-la aqui, num colégio destes - exclamou ela. - Tenho a certeza que a minha família não me mandaria para aqui se tivesse tido conhecimento disso.

- Por que vieste para Santa Clara - perguntou Adelina, cheia de curiosidade. - É um colégio considerado sensato, que não admite disparates nem ostentações.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

